

## EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E CORPO: PROPOSTAS METODOLÓGICAS E PCN

Edinéia de Fátima Orvath\*

Vilson Aparecido da Mata\*\*

**RESUMO:** A Educação Física Escolar é uma disciplina que necessariamente utiliza-se do corpo, e como consequência, do movimento. Assim, ela poderia contribuir de modo mais efetivo se vinculasse aos seus trabalhos elementos que munissem seus alunos de conhecimentos, por exemplo, sobre Saúde e Qualidade de Vida. A presente pesquisa, caracterizada como um estudo bibliográfico, tem como objetivo relacionar as propostas metodológicas das décadas de oitenta e noventa com as regulamentações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na busca de um referencial de democratização, humanização e diversificação da prática pedagógica, compreendendo as concepções de corpo expressas por eles. Os Parâmetros Curriculares Nacionais são uma proposta aberta em educação e trazem a abordagem do corpo como um sistema integrado, não havendo separação entre corpo e mente. No corpo se visualiza a imagem social do aluno, seus fatores econômicos, alimentares, raciais e também fisiológicos, de modo que se pode entender como o corpo sobrevive, como ele se mantém vivo, como respiramos e nos alimentamos. A área de Arte nos traz um conceito cultural de corpo, o qual permite concluir em qual cultura esse corpo está inserido. Para este estudo se utilizam as seguintes propostas metodológicas: a *metodologia aberta*, de Reiner Hildebrandt, segundo a qual as aulas de Educação Física devem ser voltadas ao movimento, e não somente às técnicas, preocupando-se com o modo de trabalhar, acessar e tornar os conteúdos significativos para os alunos; a metodologia crítico-superadora, trazida pelo Coletivo de Autores e Valter Bracht, pela qual as aulas devem ser voltadas à cultura corporal encontrada nos esportes, nos jogos, na ginástica e na dança, na significação dos conteúdos coerente e útil para a realidade; a metodologia crítico-emancipatória, de Elenor Kunz, que procura levar o aluno a se constituir como um ser pensante, devendo as aulas ser voltadas ao movimento humano e suas transformações sociais; a metodologia sociológico-sistêmica de Mauro Betti, segundo a qual as aulas propõem a interação entre os alunos, pois a sociedade está constantemente se transformando e a escola deve acompanhar essa modificação; e por fim, a Ciência da Motricidade Humana, de Manuel Sérgio, em que o movimento deve conter uma intencionalidade. O que pode se encontrar nessas propostas metodológicas é a importância que se dá ao movimento humano e à cultura corporal, como também à mediação do professor para o desenvolvimento do conhecimento histórico produzido e do conhecimento vivenciado pelos alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola; corpo; metodologias.

## PHYSICAL EDUCATION AT SCHOOL AND THE BODY: METHODOLOGICAL PROPOSALS AND THE PCNs

**ABSTRACT:** Physical Education at school is a discipline that necessarily uses the body, and consequently, movement. Thus, it could contribute more effectively if its activities were linked with elements that could provide the students with more knowledge about health and life quality. This bibliographical work had the objective to relate the methodological proposals from the 80's and 90's with the regulations established in the National Curricular Parameters (PCNs), seeking a referential for the democratization, humanization and diversification of the pedagogical practice, by the understanding the conceptions of body expressed in them. The PCNs are open proposals for education, and bring an approach for the body as an integrated system, not having a separation between body and mind. In the body, the social image of the student is visualized, their economical, feeding and racial as well as physiological factors are identified, so that it is possible to

\* Acadêmica do Curso de Educação Física do CESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do CESUMAR (PROBIC) – E-mail: edineia81@hotmail.com.br

\*\* Orientador e Docente do curso de Educação Física do CESUMAR – Centro Universitário de Maringá – E-mail: vdamata@uol.com.br; vdamata@ufpr.br .

understand how the body survives, how it keeps alive, how we breath and how we feed. The arts bring a cultural concept of the body that allows concluding in which culture the body is inserted. For this study, the following methodological proposals were used: the open methodology fom Reiner Hildebrant, according which the Physical Education classes should be concentrated on the movement, and not only on the techniques, concerned with the way it is worked, accessed and its contents are made meaningful for the students; the critical-overcoming methodology, brought about by a Collective of Authors and Valter Bracht, in which the classes must be concentrated in the corporal culture found in sports, games, gymnastics and in the dance, in the meaning of concepts coherent and useful for reality; the critical-emancipating methodology, from Eleonor Kunz, that seeks to lead the student to become a thinking being, the classes focused on the human movement and their social transformations; the social-systemic methodology, from Mauro Betty, according which the classes propose an interaction between students, since society is in constant change and the school must follow this change; and finally, the Human Motility Science, from Manuel Sergio, in which the movement must contain an intention. What was found in these methodological proposals is the importance given to the human movement and the corporal culture, as well as de mediation of teachers for the development of the historical knowledge produced and the knowledge lived by students.

**KEYWORDS:** School, body; methodologies.

## INTRODUÇÃO

As manifestações culturais e científicas já existentes, de um determinado tema ou assunto, ajudam a analisar e discutir a realidade social em que vivemos, e a investigação sobre tais manifestações pode ser feita através de uma pesquisa bibliográfica; assim, neste estudo procuramos descobrir essas contribuições culturais e científicas relacionadas à Educação Física no contexto escolar e reconstruir, avaliar as discussões acerca da Educação Física em busca do seu referencial de democratização, humanização e diversificação da prática pedagógica. Uma pesquisa bibliográfica “... é aquela desenvolvida exclusivamente a partir de fontes já elaboradas...” (ALVES, 2003, p. 53).

Considera-se importante, antes de tudo, inteirar-se do que acontecia na área da Educação Física a partir da década de 80. “No final dos anos 70 e início de 80, a abertura política decorrente do final do regime militar coincidiu com a intensa mobilização dos educadores para buscar uma educação crítica...” (PCN-introdução, 2000, p. 41).

Assim, começaram a surgir diversas preocupações na área da Educação Física: quais conteúdos trabalhar? Qual método de ensino teria melhor eficácia? O que gerou mais discussões e as causa até hoje? Qual seu objeto de estudo? Esse objeto de estudo seria o corpo? Seria o movimento? Ou então corpo/movimento? “O movimento que é tema da Educação Física é o que se apresenta na forma de jogos, de exercícios ginásticos, de desporto, da dança, etc...” (BRACHT, 1989, p. 28).

Diversos autores, preocupados com isso, engajaram-se na busca de métodos e conteúdos, e também de um objeto de estudo. Alguns desses autores estão explicitados em nosso estudo, como

Reiner Hildebrandt, com a metodologia do *ensino aberto*, que tem como objeto de estudo o mundo do movimento e suas implicações sociais; a metodologia crítico-superadora, do Coletivo de Autores e Valter Bracht, que traz como objeto de estudo a cultura corporal; a metodologia crítico-emancipatória, de Elenor Kunz, que trata como objeto de estudo o movimento humano, o esporte e suas transformações sociais (OLIVEIRA, 1997); a Ciência da Motricidade Humana, defendida por Manuel Sérgio, cujo objeto de estudo é a motricidade humana; e a metodologia sociológico-sistêmica, de Mauro Betti, que tem como objeto de estudo o homem em desenvolvimento.

Todos esses autores, de uma forma ou de outra, têm um objeto de estudo que busca elementos a serem trabalhados e discutidos nas aulas de Educação Física Escolar.

[...] não posso falar da educação física sem integrá-la na escola. Os discursos e propostas sobre a educação física que não a integram no todo, que não a contextualizam, que não a articulam com outras disciplinas e atividades me parecem soltos (LOVISOLO, 2002, p.15).

Ou seja, a Educação Física faz parte da escola e não deve ser deixada em segundo plano, deve sim, ser inserida no projeto da escola, como todas as outras disciplinas.

Assim, podemos incluir também nesses estudos os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), que são propostas abertas de ensino para auxiliar no planejamento das escolas.

O documento de Educação Física traz uma proposta que procura democratizar, humanizar e diversificar a prática pe-

dagógica da área, buscando ampliar, de uma visão apenas biológica, para um trabalho que incorpore as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos. (PCN- Educação Física, 2000, p. 15).

O PCN de Educação Física traz a concepção de que corpo e mente são únicos, não há separação. “O corpo é compreendido como um organismo integrado e não como um amontoado de “partes” e “aparelhos”, como um corpo vivo, que interage com o meio físico e cultural...” (PCN- Educação Física, 2000, p. 46).

O objeto de estudo do PCN de Educação Física é a cultura corporal, como trazida por Coletivo de Autores e Valter Bracht, isso porque ambos se baseiam no Materialismo Histórico-Dialético, que tem por base partir da realidade vivida do aluno para que ocorra o desenvolvimento do ensino/aprendizagem. É o produto criado historicamente que influencia na sociedade e na transformação social e assim, na educação.

Não obstante, para chegar a tantas propostas com tantos objetos de estudo, a Educação Física percorreu um caminho longo e difícil e foi, durante todo o seu percurso, induzida por acontecimentos de cada época. Guiraldelli Jr. (1994) dividiu a história da Educação Física em fases, a saber: a da Educação Física higienista, que tinha como objetivo a higiene e a saúde pública; a da Educação Física militarista inicialmente dedicada ao patriotismo e ao amor à Pátria; a da Educação Física pedagógica, que objetivava o desenvolvimento de uma prática pedagógica; a Educação Física Militarista voltada, num segundo momento, ao esporte de alto nível, ao treinamento; finalmente, a fase Educação Física Renovadora, que teve início a partir da década de oitenta e vai até os dias atuais, a qual busca uma prática diferenciada em Educação Física. (GUIRALDELLI JR., 1994). Durante todo esse percurso a Educação Física nunca esteve só, em seus estudos e aplicações sempre esteve permeada por profissionais de diferentes disciplinas, como médicos, psicólogos, sociólogos e os próprios profissionais de Educação Física (BRACHT, 1999a).

No final da década de 1980, a área pedagógica da Educação Física começa a se desenvolver, mesmo sendo usada pelo sistema esportivo apenas como um recurso retórico na busca por medalhas.

A construção de um corpo teórico com base num discurso pedagógico que possa filtrar e reconverter, à luz da lógica desse campo, a influência “externa” do sistema esportivo, é elemento importante para a construção da autonomia (pedagógica) da Educação Física. (BRACHT, 1999a, p. 24).

A Educação Física sentia necessidade de mudança. Essa mudança exigia conhecimentos, e esse conhecimento, um objeto de estudo; mas para se ter um objeto de estudo seria necessário a Educação Física tornar-se ciência. Não obstante, sabe-se que Educação Física não é uma ciência, mas sim, é permeada por ciências como a filosofia, a medicina e a sociologia.

Assim, a Educação Física sofre uma grande pressão para que ocorra sua cientificação, pois a Educação e as ciências do esporte não possuem mais uma divisão, já que pesquisam nas mesmas áreas e nos mesmos tipos de revista, participam dos mesmos tipos de congresso e uma é dependente da outra (BRACHT, 1999a). Essa pressão vem da crise sofrida pela Educação Física e pela Educação, da falta de um plano pedagógico e de um objeto de estudo específico. Lovisolo (2002, p.17) enfatiza que o núcleo da cultura científica forma parte da cultura e que esse núcleo deve iniciar-se dentro da escola, sendo a Educação Física um grande incentivo para isso.

A crise educacional afeta também a Educação Física. No início da década de oitenta apenas 45% das crianças entre 5 e 9 anos freqüentavam a escola, e 42% das de 15 a 19 anos ingressavam na escola e terminavam os estudos (GUIRALDELLI Jr., 1994). Em meio a tudo isso, a Educação Física tem um lugar secundário dentro da escola, onde faltavam espaços e materiais e os professores eram freqüentemente isolados dos de outras disciplinas.

Como fuga, a Educação Física mantinha íntima relação com o esporte, este que era subordinado aos interesses econômico-políticos, pois o governo não tinha uma política democrática de lazer e atividade física, seu objetivo era o esporte para o rendimento, para a competição (GUIRALDELLI Jr., 1994).

Dessa maneira, na busca pelo rendimento, ocorria uma divisão na Educação Física Escolar - entre aqueles que tinham o corpo voltado para o esporte e aqueles que não tinham um bom desempenho corporal para as modalidades esportivas. Pensando nisso, alguns autores começaram a dar importância ao corpo dentro da Educação Física Escolar, não somente ao conceito de corpo, mas também ao significado desse corpo nas aulas, nos exercícios realizados pelos alunos em cada movimento.

O presente artigo foi dividido em três instantes de trabalho. Em um primeiro momento, foram estudados e discutidos os Parâmetros Curriculares Nacionais, para que fossem encontrados os objetivos da Educação e da Educação Física. Num segundo momento, estudamos as teorias educacionais, que foram divididas por Saviani entre não-críticas e crítico-reprodutivistas. Em seguida, numa terceira etapa, pesquisamos alguns autores das décadas de oitenta e noventa que desenvolveram propostas metodológicas em Educação Física, na busca da construção de uma Educação Física Es-

colar diferente, voltada ao movimento humano, e não somente às técnicas.

## 2. A EDUCAÇÃO NÃO-CRÍTICA E A ABORDAGEM CRÍTICA

### 2.1. TENDÊNCIAS NÃO-CRÍTICAS

Juntamente com a educação como um todo, a Educação Física também encontrava-se em crise. Não havia uma seqüência de conteúdos a serem desenvolvidos, nas aulas eram trabalhadas somente modalidades esportivas e suas técnicas. A Educação Física era uma fábrica de seleções dos melhores alunos.

A Educação Física se tornava, assim, um grande complexo de marginalizações. Saviani (2003a), para uma melhor compreensão da questão da marginalização e da equalização social pela educação, dividiu as teorias educacionais em dois grupos.

No primeiro grupo, temos aquelas teorias que entendem ser a educação um instrumento de equalização social, portanto, de superação da marginalidade. No segundo, estão as teorias que entendem ser a educação um instrumento de discriminação social [...] (SAVIANI, 2003a, p. 3).

Ao primeiro grupo Saviani chamou de *teorias não-críticas*, e nele entram as pedagogias tradicional, nova e tecnicista. Essas teorias não conseguiram, através de seus métodos, “corrigir” a marginalidade, e sim, acabaram por aumentar os níveis de exclusão dentro do contexto escolar (SAVIANI, 2003a).

A pedagogia tradicional tem influência da tendência filosófica positivista. É o mais antigo método de ensino-aprendizagem e tem forte influência do método jesuíta. “... a educação dos Jesuítas destinava-se à formação das elites burguesas para prepará-las a exercer a hegemonia cultural e política.” (GADOTTI, 1999, p.72).

Segundo Saviani (2003a, p. 6), “... a causa da marginalidade é identificada com a ignorância [...] a escola surge como um antídoto à ignorância [...] seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados [...]”. Assim, para a Pedagogia Tradicional, a educação era responsável pela equalização social, ou seja, pela igualdade na sociedade; mas isso não acontecia, pois a burguesia era quem dominava o espaço da escola.

Outra pedagogia pertencente ao grupo das teorias não-críticas é a *Pedagogia Nova*. “Segundo essa nova teoria, a marginalidade deixa de ser vista predominantemente sob o ângulo da ignorância isto é [...] propriamente, o ignorante, mas o rejeitado.”

(SAVIANI, 2003a, p.7). Ao invés de fazê-lo no professor, a escola deveria centralizar suas atenções nos alunos; a educação deveria ser integral, compreendendo assim os aspectos intelectual, moral e físico.

A *Pedagogia Nova* defende que não é a falta de conhecimento que afasta os indivíduos da escola, mas sim, suas diferenças. Segundo essa pedagogia, indivíduos com alguma dificuldade eram rejeitados na escola, e para mudar isso se deveria utilizar a educação como um fator de equalização social, para ensinar aos alunos a adaptação e a aceitação das diferenças. Na *Pedagogia Nova*, os alunos eram ensinados através de trabalhos manuais, viagens e histórias (SAVIANI, 2003a).

Uma das contribuições importantes da *Pedagogia Nova* para a educação foi o desenvolvimento de novas técnicas de ensino, as quais fizeram do aluno o centro dos estudos, do professor, o mediador, e da escola, um local de troca de informações entre alunos e professores.

A Pedagogia Tecnicista surge no Brasil num momento histórico em que se exigia formação de mão-de-obra mais capacitada. Ela também sofreu influência do Positivismo: baseava-se na diretividade, na neutralidade científica, na autoridade e na objetividade. Na Pedagogia Tecnicista, “O produto é, pois, uma decorrência da forma como é organizado o processo.” (SAVIANI, 2003a, p.12).

Para a Pedagogia Tecnicista, o marginalizado passa a ser o incompetente, ou seja, aquela pessoa incapaz de produzir, o ineficiente. Para os pensadores dessa pedagogia, sua função de equalização social estava sendo cumprida ao tornar os cidadãos capazes de produzir algo. A forma de organização passa a ser importante na Pedagogia Tecnicista. Para ela importam como o produto chegará à sua versão final e o processo pelo qual terá que passar. O aluno se torna então um mero aprendiz desse processo e o professor volta a ser somente um transmissor de conceitos e conhecimentos.

A Pedagogia Tecnicista volta-se ao método, como a Pedagogia Tradicional. Seu lema era que um bom método garante a aprendizagem. Essas aplicações de um novo método são baseadas nos princípios positivistas e nas experiências da Pedagogia Tradicional (SAVIANI, 2003a).

O grupo das teorias não-críticas vê na educação uma forma para corrigir a marginalidade. Essas teorias consideram a marginalidade um desvio, mas as pedagogias que formam esse grupo (Tradicional, Nova e Tecnicista) não conseguiram, através de seus métodos, “corrigir” a marginalidade - ao contrário, acabaram por aumentar os níveis de exclusão dentro da classe escolar (SAVIANI, 2003a).

## 2.2. TEORIAS CRÍTICO-REPRODUTIVISTAS

O grupo das teorias críticas crítico-reprodutivistas, como é identificado por Saviani (2003a), considera que a educação pode ser compreendida a partir de seus condicionantes sociais; ou seja, a educação depende da sociedade e da cultura em que está inserida. Essas teorias possuem uma base teórica ligada ao materialismo histórico-dialético.

A *violência simbólica* é um tipo de ação que reforça diferenças sociais, impondo valores da classe dominante sobre a classe dominada com o objetivo de manter e perpetuar a organização capitalista.

A Teoria do Sistema de Ensino enquanto Violência Simbólica foi desenvolvida por Bourdieu e Passeron. “Por que Violência Simbólica? Os autores tomam como ponto de partida que toda e qualquer sociedade estrutura-se como um sistema de relações de força material entre grupos ou classes.” (SAVIANI, 2003a, p. 18). Assim, para essa teoria, são as condições materiais que estruturam a sociedade em grupos ou classes e é através dessa divisão que se criam os dominantes e dominados.

A Teoria do Sistema de Ensino enquanto Violência Simbólica significa a dominação cultural, a qual abrange a classe dos dominantes e a dos dominados. “A violência Simbólica manifesta-se de múltiplas formas: formação da opinião pública pelos meios de comunicação de massa, jornais, etc; pregação religiosa, atividade artística e literária...” (SAVIANI, 2003 a, p. 18).

Nas classes mais elevadas, desde muito cedo as crianças convivem com um padrão de linguagem muito próximo ao exigido dentro da escola, ao passo que para as classes mais pobres é necessário aprender o linguajar da classe dominante. Aqui podemos verificar um tipo de violência simbólica, pois o aluno de uma classe social inferior não irá acompanhar a linguagem escolar e ficará para trás, enquanto o aluno de uma classe social rica seguirá à frente (MATA, 2003).

Para essa teoria, os marginalizados são a classe dominada, pois desde muito cedo aprendem a ter menos oportunidades que a classe dominante. A classe de dominados continua a ser sempre formada de leigos que aprendem o necessário para sobreviver, sem ter criticidade.

Outra teoria é a do Aparelho Ideológico de Estado (AIE), criada por Louis Althusser, que estudou as idéias de Marx - portanto o AIE tem grande influência do Materialismo Histórico-Dialético. A Teoria do Aparelho Ideológico de Estado sustenta que a função própria da escola capitalista consiste na reprodução da sociedade e que toda ação pedagógica seria uma imposição arbitrária da cultura das classes dominantes e a escola é o AIE mais importante. Para Althusser *apud* Saviani (2003 a, p. 23), “... a escola constitui o instru-

mento mais acabado de reprodução das relações de produção do tipo capitalista.”

A escola se torna importante para a formação de um indivíduo, mas todos os AIEs reforçam o sistema de desigualdade e dominação. O Aparelho Ideológico de Estado funciona no plano do pensamento, desenvolvendo e reforçando a ideologia dominante (SAVIANI, 2003a).

A última teoria é a da Escola Dualista. Essa teoria, desenvolvida por Baudelot e Establet, mostra o sistema escolar de classes dominantes e o de classes dominadas, ou seja, apresenta a diferenciação entre um e o outro. Demonstra que a escola para a classe dominante é constituída em função da vida da classe burguesa e a escola para dominados, demonstra a reprodução da sociedade capitalista e apenas transmite conteúdos sistematizados, fazendo com que os dominados permaneçam sempre dominados, sem criar uma consciência crítica. “A escola é um aparelho ideológico da burguesia e a serviço de seus interesses.” (SAVIANI, 2003a, p. 27).

Conforme Saviani, “como aparelho ideológico a escola cumpre duas funções básicas: contribui para a formação da força de trabalho e para a inculcação da ideologia burguesa.” (2003a, p. 26). A escola é considerada um aparelho ideológico, porque seu aspecto é dominante e comanda o funcionamento do aparelho escolar. A escola imita a sociedade e a sociedade é dominada pela burguesia; então o proletariado, ao ser introduzido na escola, estará sendo introduzido na educação burguesa, portanto não estará sendo educado conforme sua realidade.

O objeto maior das teorias crítico-reprodutivistas é analisar e tentar explicar os mecanismos de funcionamento da educação burguesa, e elas nos colocam um importante fator: “...a escola é determinada socialmente...” (SAVIANI, 2003a, p. 30).

A educação sempre se dá a partir da organização social em que estamos inseridos. As teorias não-críticas consideram que a escola é um ambiente isolado de qualquer influência social, enquanto as teorias crítico-reprodutivistas percebem que a sociedade capitalista educa para manter imutável o estado das coisas.

A escola tem como função sustentar a reprodução da sociedade e é dividida em redes escolares que basicamente são de interesse de duas classes, a burguesia e o proletariado. Como o ensino nas escolas é burguês, os filhos dos proletários devem conquistar a educação, enquanto para os burgueses a escola é apenas uma continuidade da sua educação.

## 3. CONSIDERAÇÕES ACERCA DE UMA PEDAGOGIA: PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E EDUCAÇÃO FÍSICA

Partir da realidade social de cada aluno é o método que a Pedagogia Histórico-crítica considera necessário para que o aluno pos-

sa analisar, sintetizar e decidir, ou seja, adquirir o conhecimento. O método de ensino a ser utilizado deve ser essencialmente o de pensar, sentir e agir, pois é dessa maneira que o indivíduo irá aprender de forma real, de acordo com o que ele vive (GASPARIN, 2003). A Educação Física participa desse aprendizado tratando em suas aulas da cultura corporal de movimento em que inclua as danças, jogos, ginástica e esportes da nossa cultura brasileira, partindo da nossa realidade.

Gasparin (2003, p. 15) afirma que, "... o educando deve ser desafiado, mobilizado, sensibilizado. Deve perceber alguma relação entre o conteúdo e sua vida cotidiana...". O professor deve considerar que a educação do seu aluno vem muito antes da escola, não sendo formada somente a partir da escola, com os conhecimentos científicos, e seus objetivos já devem ser direcionados tomando por base o fato de que seu aluno já tem uma vida, que ele vem para a escola já com conhecimentos adquiridos do seu dia-a-dia. Nas aulas de Educação Física é importante que o professor seja um mediador, tentando instigar nos alunos a participação, e com ela, a descoberta de um novo mundo.

A Pedagogia Histórico-Crítica tem como base teórica o Materialismo Histórico-Dialético. As teorias crítico-reprodutivistas acreditam que a educação imita a sociedade capitalista, e é nesse ponto que a Pedagogia Histórico-Crítica acredita ser necessário ela mudar. Nessa pedagogia se problematizará a prática, discute-se a teoria e assim resolve-se a prática no contexto escolar. A Metodologia Crítico-Superadora de Coletivo de Autores e Valter Bracht também se baseia no Materialismo Histórico, e igualmente, seus criadores acreditam que seja importante uma mudança na educação, na escola.

Esse método nos propõe que o aluno seja levado a construir seu conhecimento através de suas experiências. Assim ele pode construir seu mundo de cultura através de suas transformações.

[...] o homem necessita produzir continuamente sua própria existência. Para sobreviver, o homem necessita extrair da natureza, ativa e intencionalmente, os meios de sua subsistência. Ao fazer isso, ele inicia o processo de transformação da natureza, criando um mundo humano (o mundo da cultura) (SAVIANI, 2003b, p. 11).

Assim, fazendo-se a junção dos conhecimentos trazidos pelo aluno e dos conhecimentos do professor é que se dá o ensino-aprendizagem na Pedagogia Histórico-crítica; é dando importância ao conhecimento que o aluno já traz que se formula e se dá início ao conhecimento sistematizado trabalhado na escola.

Segundo Gasparin (2003), seria muito importante também que os conteúdos não fossem selecionados apenas pelo professor de

cada disciplina, individualmente, mas também pelo corpo docente da escola. Isso se torna importante, pois são pouquíssimas as escolas que reúnem todos os professores para reuniões e conselhos, e na maioria das vezes o professor de Educação Física é deixado em um segundo plano, sem que os demais ouçam suas idéias.

Para que a aprendizagem, na pedagogia histórico-crítica proposta por Saviani e Gasparin, possa ser efetivada, é preciso também que se desenvolva no aluno a vontade de buscar novos conhecimentos, para o que ele deve ser desafiado. Nessa proposta de aprendizagem é preciso que se traga para dentro do conteúdo escolar a vida prática e diária dos alunos.

#### 4. PROPOSTAS METODOLÓGICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA: NÃO-CRÍTICAS E CRÍTICAS

Para determinar quais propostas em Educação Física são críticas ou não-críticas, iremos nos basear no Materialismo Histórico-Dialético, que defende a tese de ser o modo como se vive o que indica o modo de se pensar em determinado momento da história ou entre povos diferentes; o mundo a nossa volta, o mundo vivido, influencia na maneira como vemos e entendemos as coisas.

A teoria do Materialismo Histórico é baseada em pessoas reais, em condições materiais de existência e em seu conjunto social, histórico e cultural. Com base nesses princípios, iremos descrever algumas características de algumas propostas metodológicas para assim identificar se elas são não-críticas ou críticas - conforme a divisão de Saviani.

Reiner Hildebrandt foi um dos autores que, a partir da década de oitenta, preocuparam-se em diferenciar as aulas de Educação Física Escolar, com a metodologia do *ensino aberto*. Essa metodologia de ensino tem como objeto de estudo o movimento e suas relações sociais. "O conceito de esporte como assunto principal do ensino, freqüentemente qualificado como conteúdo das aulas de Educação Física, determina precisamente, de forma indiscutível, o transcorrer dessas aulas." (HILDEBRANDT, 2001, p. 21)

As aulas de Educação Física tornam-se assim uma "fábrica" de seleções, ao invés de se dar importância ao desenvolvimento de todos os alunos. Em tais aulas, o importante mesmo é a escolha dos melhores, e assim, o movimento livre é deixado de lado e é dada importância ao movimento técnico. "As possibilidades de vivência de movimento dos seres humanos no seu mundo são complexas e têm vários níveis. Contudo, o sistema do esporte reduz essas complexas possibilidades de movimento." (HILDEBRANDT, 2001, p.67). Nas aulas de Educação Física esportivizadas o esporte se reduz às técnicas de passe, recepção, condução, e os movimentos são meramente técnicos.

As ações metodológicas são organizadas de forma a conduzir a um aumento no nível de complexidade dos temas tratados e realiza-se em uma ação participativa, onde professor e alunos interagem na resolução de problemas e no estabelecimento de temas geradores (OLIVEIRA, 1997, p. 25).

A participação dos alunos na delimitação dos conteúdos gera sociabilidade entre ambos, o que contribui para uma melhor aprendizagem.

Hildebrandt (2001, p. 47) afirma:

Eu classifico uma aula de Educação Física, então, como fechada quando às definições de situação e as colocações de significados partem de uma forma unilateral do professor e quando nenhuma ou poucas possibilidades são oferecidas aos alunos de trazer suas próprias definições de situações.

Isso acontece porque talvez nas aulas não haja relação entre conteúdos, objetivos e métodos. A aula se torna meramente esportiva (jogo), sem um objetivo a alcançar e sem uma forma de ensinar.

“Em contraposição a esse, defendo uma aula de movimento, na qual o professor abre para os alunos espaços, que lhes possibilitem definir suas próprias situações e colocar seus significados subjetivos” (COLETIVO..., 2001, p. 48). É preciso possibilitar que o aluno participe na definição das aulas e decida de maneira participativa, juntamente com o professor, os conteúdos a serem trabalhados, de modo que ele descreva suas experiências e assim possa passá-las aos seus colegas. O nosso corpo tem uma infinidade de movimentos e esses movimentos devem ser trabalhados dentro da Educação Física Escolar. A proposta de *ensino aberto* de Hildebrandt consiste em vivenciar as experiências dos alunos como um meio de aprendizado, como algo que está acumulado e deve ser passado a outras pessoas. É uma troca de experiências.

Não se faz aqui uma crítica aos esportes, mas sim, ao modo como eles são tratados nas aulas de Educação Física nas escolas, “... o interesse pedagógico deve possibilitar o desenvolvimento da capacidade de ação através do esporte e para o esporte.” (HILDEBRANDT, 2001, p.131). O esporte pode desenvolver inúmeras habilidades e destrezas de movimento, mas na aula de Educação Física o movimento fica limitado às técnicas.

Para Hildebrandt, o espaço das aulas de Educação Física deve ser utilizado de maneira que professor e aluno participem do processo ensino-aprendizagem. “O mundo do movimento não pode, nas aulas de Educação Física, ser reduzido à reprodução de modelos motores pré-configurados” (HILDEBRANDT, 2001, p.162), - isto é, a Educação Física não pode reduzir-se a movimentos pron-

tos e acabados, mas deve partir do movimento idealizado e construído pelo aluno conjuntamente com o professor.

A metodologia do *ensino aberto* de Hildebrandt é de base fenomenológica, portanto é classificada como não-crítica. Nela é argumentado que o professor e o aluno devem interagir, mas é de suma importância que o professor domine o conteúdo. As experiências trazidas pelos alunos para ajudar na elaboração das aulas são muito importantes, desde que eles vivam todos na mesma realidade social. A sociedade é determinada pelo regime capitalista, e enquanto não houver mudanças sociais, não será possível os alunos trocarem experiências, já que a realidade social não é a mesma para todos.

A Metodologia Crítico-Emancipatória é trazida por Elenor Kunz e se baseia na tendência educacional progressista-crítica. Kunz (1991) tenta demonstrar que através da dança, do esporte e da ludicidade pode ser desenvolvido um conceito de movimento humano entre os alunos, possibilitando diminuição das desigualdades sociais.

Esta exigência inclui a necessidade de estabelecerem-se prioridades para tarefas pedagógico-educacionais à Educação Física, uma vez que o que se observa é uma ameaça cada vez maior no sentido de aumentarem as diferenças entre a incumbência pedagógica da Escola e a prática da Educação escolar (KUNZ, 1991, p.19).

Podemos verificar que os professores de Educação Física não estão interessados em uma prática informal de jogos e brincadeiras, que desenvolva o social, o intelecto e o afetivo dos alunos, mas sim, na prática voltada à competitividade, com técnicas dirigidas ao esporte de rendimento, em que ocorre o desenvolvimento de habilidades relacionadas somente a um determinado esporte. Para Kunz (1991, p.19), não precisamos necessariamente “... excluir a prática do esporte, movimentos e jogos, mas através deles desenvolver a função social e política que é inerente a toda ação pedagógica.”

Para que ocorram mudanças na escola é preciso uma mudança social. Melhorar a estrutura escolar, qualificar os professores, beneficiar os professores com uma melhor renda salarial, são medidas que devem ser tomadas pelos governantes; mas os governantes também precisam mudar e parar de beneficiar a classe de dominantes que existe no Brasil, que é quem exerce influência na sociedade.

Deverá haver com urgência uma nova orientação, para não somente alterar o ensino da Educação Física em si, mas inclusive contribuir diretamente na instigação de mudanças

sócio-políticas necessárias para superar as exageradas contradições sociais vivenciadas na realidade brasileira (KUNZ, 1991, p.19).

As desigualdades existentes no meio social concorrem para que a Educação Física continue meramente esportiva. Percebe-se que cada vez mais os professores de Educação Física fazem a seleção de seus alunos dentro das aulas de Educação Física, ao passo que na verdade deveria haver um horário para o treinamento fora do horário escolar para aqueles alunos que quisessem treinar. “... os alunos são, de forma consciente ou inconsciente, selecionados, classificados pelas suas habilidades/inabilidades esportivas” (KUNZ, 1991, p.110). Com essa seleção, os alunos ficam divididos em fortes e fracos: os alunos fortes são aqueles com habilidades para praticar os esportes, e os alunos fracos são os que não possuem nenhuma habilidade para esportes (KUNZ, 1991).

A Educação Física Escolar tem-se tornado um meio de reprodução das injustiças sociais dentro do contexto escolar. É necessário que professores de Educação Física assumam uma postura para que ela se torne um espaço de interação social, onde ocorra uma comunicação, e assim, a reflexão dos conteúdos trabalhados. “... o aluno deve ser conscientizado do valor da prática esportiva e internalizar o hábito de sua prática permanente. As ações reflexivas nas aulas devem levar os alunos a uma prática consciente dos esportes” (KUNZ, 1991, p.115).

É importante ressaltar que o aluno, dentro do contexto escolar, deve ser um sujeito de plena participação, podendo opinar e coordenar ações e assim se tornar uma pessoa participativa e consciente de suas atitudes, e não ser deixado de lado; a Educação Física deve fazer parte desse contexto:

[...] não é suficiente preocupar-se somente com mudanças nos conteúdos ou nas formas e métodos de transmissão dos mesmos; é necessário, isto sim, uma mudança total da própria concepção da Educação Física e do seu processo de ensino-aprendizagem. Isto significa que ela não pode ser visualizada como uma atividade ou disciplina isolada do contexto da Educação[...] (KUNZ, 1991, p.182).

Para investir em novas concepções em Educação Física torna-se necessária uma grande mudança relacionada aos esportes, ao movimento e ao próprio sistema de ensino-aprendizagem. Os esportes não devem ser meramente técnicos, o movimento não deve se tornar algo mecanizado e sem uma intenção, e o sistema de ensino-aprendizagem deve ser uma parte importante no processo educacional, e não somente um amontoado de linhas e idéias

as que nunca saem do papel. “Para tanto, faz-se necessário que a Educação Física esteja diretamente relacionada com o contexto sócio-cultural local e que seu planejamento pedagógico seja desenvolvido a partir deste” (KUNZ, 1991, p.183).

As experiências trazidas pelos alunos do seu dia-a-dia para dentro do contexto escolar enriquecem sobremaneira o contato entre professores e alunos durante as aulas. A relação entre essas experiências e o esporte normatizado pode levar a temas enriquecedores dentro das aulas. Um exemplo disso pode ser o basquete de rua, que pode ser relacionado com o basquete convencional e assim levantar questões como o porquê de se criarem os esportes de rua.

[...] o ensino da Educação Física deverá permitir uma “temática aberta” em relação aos seus conteúdos, porque não só as experiências extra-escolares das crianças, no tocante a movimentos e jogos, encontrem espaço em aula, mas o próprio esporte normatizados como uma práxis social de conteúdo modificado possa ser tematizado (KUNZ, 1991, p.189).

Esse mundo de movimento faz com que se criem nas crianças significados motores, os quais as ajudam a desenvolver habilidades físicas, sociológicas e psicológicas, aspecto que muitas vezes não é trabalhado dentro da Educação Física Escolar. “No mundo de movimento das crianças fora da escola pôde-se constatar uma infinidade de brincadeiras, jogos e movimentos totalmente desconhecidos para a Educação Física” (KUNZ, 1991, p.195).

O mundo de movimento das crianças pode ser trazido para dentro da escola. Ensinar também requer olhar para o aluno e descobrir o que ele gostaria de aprender, que atividades trariam aprendizado e prazer ao mesmo tempo. Uma proposta aberta de ensino traz a idéia da participação do aluno na produção das aulas, professor e aluno descobrindo juntos os conteúdos de maior interesse a serem apreendidos pelos alunos:

[...] uma concepção de ensino aberto exige também uma observação crítica em relações aos interesses e intenções dos alunos. Estes interesses e intenções apresentados pelos alunos devem tornar-se compreensíveis pelos participantes, em relação aos condicionantes sócio-econômicos e culturais de cada contexto (KUNZ, 1991, p.191).

É importante lembrar que a escola é medida socialmente, ou seja, reproduz os interesses sociais, e como ela não pode livrar-se dessa dominação, o ensino das habilidades não pode impor ordem às estruturas de dominação que envolvem a escola. Assim, a escola se torna fator de discriminação social, e a Educação Física,



fazendo parte da escola, também se torna um fator de discriminação. Como acabar com essas desigualdades, ou mesmo diminuí-las, se a escola particular oferece uma gama diferenciada de modalidades, enquanto a pública fica somente no futebol, handebol e voleibol. Isso se torna uma verdadeira discriminação.

Realmente não é uma tarefa muito simples fazer com que os alunos se tornem realmente sujeitos de seu próprio agir no ensino, uma vez que esta tarefa pedagógica do “educar pela Educação Física e Esportes” não dependem somente dos participantes do processo, mas principalmente dos condicionantes sócio-culturais de que são afetados. (KUNZ, 1991, p.196).

A Metodologia Crítico-Emancipatória, baseada nos princípios da Fenomenologia, é uma teoria não-crítica. Ela afirma que se pode acabar com a desigualdade social nas aulas de Educação Física através de jogos, danças, da ludicidade e dos esportes, mas o esporte já é discriminatório e nele não se constrói uma historicidade. Quando entramos na escola o esporte já está pronto, com regras, fundamentos, e assim somos envolvidos e conseqüentemente manipulados pelas condições já existentes. Antes de pensarmos em acabar com a discriminação na Educação Física e na escola, precisamos acabar com ela na sociedade.

À proposta metodológica trazida por Mauro Betti chamamos de Metodologia Sociológica Sistemática. “A principal fonte a que se recorreu para a concepção metodológica deste estudo foi a sociologia baseada na moderna teoria dos sistemas” (BETTI, 1991, p.16). Assim é possível, dentro da Educação Física, trabalhar com a totalidade. Para a metodologia sociológica sistemática, é possível uma integração entre teorias psicológicas e sociais, de modo que uma sociedade pode ser constantemente modificada, pois temos essa flexibilidade e os sistemas fazem parte da realidade dos indivíduos.

Para a abordagem sociológica sistemática, portanto, as estruturas e instituições não são algo abstrato, exteriores ao indivíduo, que mantém a ordem social automaticamente, mas frutos do processo total de interação entre indivíduos e grupos, que cria certas estabilidades provisórias (BETTI, 1991, p.18).

Segundo Betti (1991), nada está acabado, fixo, e por mais complexo que seja, pode ter a capacidade de desenvolver-se. É assim que acontece com um conteúdo: por mais complexo que seja, de certo modo irá encontrar uma maneira de crescer e fazer crescer quem está à sua volta. “O sistema sócio-cultural, como um sistema

adaptativo complexo, caracteriza-se pela sua capacidade de persistir ou desenvolver-se modificando a própria estrutura” (BETTI, 1991, p.133).

Todas as instituições e estruturas fazem parte da vida do aluno, tudo deve ser considerado no momento de se falar em meio social da criança, tudo faz parte da vida dela. “Mas a finalidade última do sistema é a formação de personalidades, o comportamento e o pensamento, socialmente pertinentes dos indivíduos” (BETTI, 1991, p.134). Estas características dependem exclusivamente do meio social em que a criança vive.

Para a metodologia sociológico-sistêmica, o objeto de estudo é a Educação Física Escolar (mais precisamente o movimento), que é concebida como “...um sistema hierárquico e aberto” (BETTI, 1991, p. 20). É um sistema hierárquico porque rege e influencia outros sistemas. No sistema escolar a Educação Física é considerada como componente curricular, e sendo componente curricular, entende-se que é uma disciplina que deve ser aplicada aos alunos dentro da escola, tendo conteúdo e objetivos a serem desenvolvidos por professores e alunos.

A Educação Física está dentro do contexto escolar e a escola reproduz socialmente os interesses dominantes. Isso nos leva a concluir que os conteúdos trabalhados pela Educação e pela Educação Física também são reproduções sociais, pois fazem parte da escola. “Uma abordagem sociológica da Educação Física, que não leve em conta os mecanismos sociológicos intrínsecos à atividade física é necessariamente incompleta, porque não explicava o essencial” (BETTI, 1991, p.138).

Para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem é preciso que a metodologia de análise sistemática se aproprie do conteúdo e faça relação direta do professor/aluno com o conhecimento. Dessa forma o método entrará na prática propriamente dita, fazendo uma inter-relação entre a escola e a sociedade:

O modelo Sociológico aqui proposto parece ser útil para explicar as adaptações e transformações da Educação Física em sua trajetória histórica e indicar um direcionamento no processo de sociabilização e formação da personalidade propiciado pela atividade física na escola, tendo ainda a vantagem de conceber o educador como um agente consciente do processo, libertando-o de determinismo e esquemas ideológicos pré-fabricados (BETTI, 1991, p.167).

A proposta metodológica sociológico-sistêmica não propõe um modelo de ensino-aprendizagem que deva ser rigorosamente seguido; ela afirma que a sociedade está sempre em constantes mudanças e a Educação, num contexto geral, deve mudar também,

modificando assim o modo de ensinar (BETTI, 1991). Mas a sociedade não sofre mudanças por inteiro, pois nela os ideais dominantes ainda estão em primeiro lugar. Por isso, é necessário contextualizar-nos historicamente para compreendermos que passam os anos, as fases, e a sociedade continua capitalista. Na fase da Educação Física Higienista era preciso a construção de um corpo saudável e forte, essa era necessidade da época. Esses corpos saudáveis eram objetivos da eugenia, ou seja, purificação da raça.

A Metodologia Sociológico-Sistêmica tem influência positivista, pois ela parte do meio social em que o ser vive, do que é considerado real e concreto para esse ser. Mas a sociedade é influenciada pela classe dominante, ou seja, por aqueles que exercem poder sobre outras pessoas, os dominados. Quando Betti (1999) afirma que a sociedade está sempre se transformando e a escola deve acompanhar essa transformação, nota-se com nitidez que a escola é influenciada socialmente; a sociedade modifica-se e a escola deve acompanhar essa modificação, permanecendo sob o controle do regime capitalista.

A última proposta estudada é a de Manuel Sérgio, a Ciência da Motricidade Humana. Para ele o termo Educação Física deve ser modificado para Ciência da Motricidade Humana, pois a área trabalha com o movimento, com a motricidade.

...se vê que a dita Educação Física, porque é física, não pode ser raiz do conhecimento, dado que isola o físico do intelectual e moral, e assim não é uma categoria gnoseológica, nem uma categoria sociológica: é um conglomerado de técnicas, sem qualquer tipo de fundamento válido (SÉRGIO, 1989, p. 77).

A Ciência da Motricidade Humana baseia-se na tendência filosófica da Fenomenologia: "... a grande inovação da fenomenologia, no que respeita aos temas de que nos ocupamos, foi defender que se torna impensável a motricidade se dela afastamos a intencionalidade e a intersubjetividade" (SÉRGIO, 1989, p.25). Tudo que realizamos deve ter uma intenção, nada que fazemos é casual. Os nossos movimentos são intencionais, se andamos é porque queremos ir para algum lugar, e isso tem uma significância. A maior contribuição da Ciência da Motricidade Humana para a Educação Física foi religar pensamento e ação, ou seja, entender o homem a partir de suas condutas motoras; o pensar e o agir são consideradas um só.

Na perspectiva fenomenológica entende-se o ser existindo no mundo a partir dos existenciais básicos: afetividade, com-

preensão e expressão, que estão sempre numa mesma dimensão de importância, sendo equiprimordiais, pois são fundantes da constituição do ser; são modos do existir-aí (GONÇALVES JÚNIOR; RAMOS; COUTO, 2003, p. 28).

Conforme a teoria de Manuel Sérgio, as metodologias atualmente aplicadas têm suas limitações, não se podendo assim negar a herança que lhe foi imposta no decorrer dos anos. O aluno, na prática das aulas, deve aprender a ver e sentir que cada movimento tem sua intenção, e também a ver as limitações que nos condicionam através do movimento. A Ciência da Motricidade Humana, de Manuel Sérgio, fez com que a Educação Física repensasse sua prática e seu modo de ver o corpo.

A Educação Física, pelo que foi dito, encontra-se em crise, vê-se em meio a uma surpreendente diversidade de interesses, estímulos e leituras. De acordo com o ponto de vista, médico, militar, desportivo e até partidário, obtém-se conclusões que não são precisamente as mesmas (SÉRGIO, 1989, p. 31).

Para Manuel Sérgio, os profissionais da Educação Física deveriam ter uma opinião mais crítica, sem tanto esperar pelos pontos de vista médico ou desportista, que, na maioria das vezes não são os mesmos:

Mas por que defendo a existência de uma Ciência da Motricidade? Porque tenho para mim que as condutas motoras (ou seja, os comportamentos motores significativamente vividos) emergem do treino, da dança, da ginástica, da motricidade infantil, do esporte, do circo, do jogo esportivo... (SÉRGIO, 1989, p. 35).

O movimento não é algo técnico, mecânico, criado pelo professor, mas sim, algo historicamente criado. O movimento em si não vem pronto, é criado pelo próprio ser conforme sua necessidade, e cheio de surpresas, pois muitas vezes não o estamos esperando. "É necessário tentar pensar a Ciência da Motricidade Humana não como uma doutrina pré-fabricada, mas como algo que nasce das necessidades culturais do homem do nosso tempo, em geral, e do nosso povo, em particular" (SÉRGIO, 1989, p.56). A Ciência da Motricidade Humana não traz aulas prontas e acabadas, mas sim, o que deve ser desenvolvido nas aulas, o movimento.

A Ciência da Motricidade Humana não é considerada uma doutrina, ela nasce a partir das necessidades culturais que vão surgindo. Trata do movimento, do porquê do movimento, de quan-

do surgiu o movimento, como surgiu; é nisso que se baseia a Ciência da Motricidade Humana.

Se a Ciência da Motricidade Humana é uma ciência do homem, como parece inevitável, a biologia tem nela uma função: salientar que a motricidade humana é biologicamente determinada e ao mesmo tempo, manifesta a sua complexidade, mas sem tentar resolver as mais profundas inquietações que afligem o ser humano, com a exatidão das ciências da natureza (SÉRGIO, 1989, p.92).

A Ciência da Motricidade Humana é uma metodologia não-crítica, ela tem influência da fenomenologia e se baseia na historicidade. Nada é criado por acaso, em tudo há uma intenção, e é assim o movimento. Nosso corpo é movimento e todo movimento que realizamos tem uma intencionalidade. A ciência da Motricidade Humana acredita que a mudança deva partir do nome Educação Física, sem levar em consideração que é preciso mudar a sociedade e não nomes; ela se resume em si mesma, sem pensar no coletivo, no geral.

Para Coletivo de Autores (1992), a Educação Física traz como objeto de estudo a cultura corporal de movimento compreendendo essa cultura como parte da realidade social do aluno. A pedagogia tratada por eles é a Crítico-Superadora, que é baseada no Materialismo Histórico-Dialético.

Crítico-Superadora porque tem a concepção Histórico-Crítica como ponto de partida. Assim como ela, entender ser o conhecimento elemento da mediação entre o aluno e seu apreender (no sentido de construir, demonstrar, compreender e explicar para poder intervir) da realidade social complexa em que vive (OLIVEIRA, 1997, p.27).

Na maioria das vezes, os professores trabalham um conteúdo com seus alunos baseados em um livro; o que traz o livro é transmitido ao aluno e o professor não se mobiliza em nenhum momento para discutir se o assunto é de importância para a realidade do aluno ou não. Esse conteúdo é desenvolvido com os alunos simplesmente porque está programado. Na Pedagogia Crítico-Superadora "... não basta que os conteúdos sejam apenas ensinados, ainda que bem ensinados é preciso que se liguem de forma indissociável a sua significação humana e social" (COLETIVO..., 1992, p.31).

A atual Educação Física Escolar tem baseado suas aulas na aptidão física do homem, "O conhecimento que pretende-se que o aluno aprenda é o exercício de atividades corporais que lhe permi-

tam atingir o máximo de sua capacidade física" (COLETIVO..., 1992, p.36). Os conteúdos parecem não ter uma significação, eles são escolhidos pela escola e esta não se questiona quanto a isso; no entanto eles constituem básica para a aprendizagem; precisam ter uma seqüência lógica, devem ser coerentes e s úteis à realidade dos educandos.

[...] são tematizados: os esportes, os jogos, as danças, as ginásticas, as lutas, as brincadeiras, entre outros temas da cultura- colocados no plural, no sentido de serem produzidos pela humanidade e parte do se patrimônio cultural, mas também pela pluralidade de sentidos / significados, sendo jamais fixos, acabados, estáticos e homogêneos (FARIA, 2004, p.129).

Os temas trabalhados na Educação Física Escolar nunca devem ser fixos, únicos; eles devem obedecer a uma seqüência, a um desenvolvimento, com começo, meio e fim. Os conteúdos devem ser heterogêneos, ou seja, de diferentes temas, e não de um único, como esporte, por exemplo.

É preciso fazer o aluno compreender os conteúdos a partir da realidade social em que ele vive, e não da realidade escolar, pois a escola reproduz a sociedade, mas ao mesmo tempo tenta esconder determinadas realidades, embora deva ser crítica e formadora de cidadãos. "É fundamental estimular a capacidade de crítica no sentido de entender e analisar diferentes pontos de vista e se posicionar perante eles das práticas corporais que permeiam a sociedade..." (SILVEIRA; PINTO, 2001, p.139).

A cultura corporal trazida pela Pedagogia Crítico-Superadora tem um processo histórico: se algo existe, com certeza levou certo tempo para ser construído, e é esse processo histórico que deve ser passado aos alunos na escola. Tudo que existe tem sua história, e é a isso que chamamos de processo histórico: visualizar além daquilo que vemos. "A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal" (COLETIVO..., 1992, p. 61).

Torna-se necessário então que a prática da Educação Física não se reduza simplesmente às modalidades esportivas. É preciso que nela sejam desenvolvidos outros conhecimentos da cultura corporal e que o aluno, durante as aulas, possa conhecer e aplicar a historicidade dos elementos trabalhados e que as aulas passem a ter significação. Por isso, a Pedagogia Crítico-Superadora, trazida por Coletivo de Autores, "...busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história ..." (COLETIVO..., 1992, p. 38).

A aula, seja ela dada em sala de aula ou fora dela, concretiza-se como um espaço de aprendizagem que deve ser organizado de forma que aconteça o processo de assimilação dos conteúdos trabalhados.

[...] entendemos a aula como um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da Educação e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social (COLLETIVO..., 1992, p. 87).

Esses conteúdos trabalhados, em sua maioria, são científicos e são descobertos e passados aos alunos no decorrer dos anos.

Na Educação Física é preciso também que conhecimentos científicos sejam transmitidos aos alunos. Esses conhecimentos quase sempre dizem respeito à saúde, à qualidade de vida e às estruturas do nosso corpo, e é preciso que o aluno seja inteirado nesse tipo de conhecimento. Valter Bracht (1999a, p. 32) afirma: "Defendo a idéia de que a Educação Física não é uma ciência. No entanto, está interessada na ciência, ou nas explicações científicas." Ou seja, a Educação Física não é ciência, mas necessita dos conhecimentos da ciência para definir os conteúdos a serem trabalhados com os alunos.

A Educação Física está interessada nas explicações, compreensões e interpretações sobre as objetivações culturais de movimento humano fornecidas pela ciência, com o objetivo de fundamentar sua prática, e isso porque nós, da Educação Física, estamos confrontando com a necessidade de constantemente tomar decisões sobre como agir (BRACHT, 1999a, p. 33).

Para Bracht (1999a), a Educação Física educa pelo movimento, movimento corporal. Ele vê a atual Educação Física como uma mecanização do corpo e do pensamento, pois as aulas já estão prontas, e nelas os alunos somente realizam o movimento, sem saber sua significação. A relação de ensino-aprendizagem deve ser entre sujeitos e a relação professor-aluno concorre para que as aulas se tornem mais criativas.

Para Bracht (1999, p. 33),

O objeto da Educação Física enquanto prática pedagógica é retirado do mundo da cultura corporal / movimento, ou seja, é selecionado a partir de critérios variáveis, ou seja, dependentes de uma teoria pedagógica, desse universo.

Dentro das aulas de Educação Física é possível trabalhar com uma cultura corporal que gere o movimento. Essa cultura corporal refere-se à cultura brasileira, que faz parte do nosso universo. Aprender sobre nossa cultura, sobre como ela foi trazida ou criada no Brasil, é uma forma de introduzir os alunos no mundo da cultura corporal.

Segundo Farias (2004, p. 130), "A compreensão de corpo e de movimento humano produzidos nas aulas de Educação Física deve ser complexificada, no sentido de serem entendidos como produtores de símbolos e linguagem." Assim, o movimento e o corpo são entendidos aqui como um sistema complexo; eles nos fazem sentir emoções e desejos e ao mesmo tempo estão nos pedindo que sua prática se torne diária e prazerosa.

Essa cultura corporal é composta pelo jogo, danças, ginástica, lutas e esportes da cultura brasileira. É preciso levar aos alunos algo da cultura brasileira que possa ser trabalhado dentro da Educação Física Escolar, mostrando assim que a Educação Física na escola não é somente esporte. Assim,

[...] as atividades corporais, esportivas ou não, componentes da nossa cultura corporal são vivenciadas, tanto naquilo que possuem de 'fazer' corporal, quanto na necessidade de se refletir sobre o significado/sentido desse mesmo 'fazer' (OLIVEIRA, 1997, p. 27).

Diante de toda essa reflexão sobre a cultura corporal é importante também lembrar que nas aulas de Educação Física existem a teoria e a prática, pois uma complementa a outra, como nos relata Bracht: "...a teoria não substitui a prática e vice-versa; cada qual tem sua lógica, lógicas essas que precisam fecundar-se mutuamente, para uma teoria da prática e para uma prática teorizada" (1999b, p. 147).

Podemos afirmar que a metodologia crítico-superadora é crítica porque se ela baseia na realidade histórica do ser, no mundo que é vivido por esse ser. Ela não parte simplesmente de movimentos técnicos já mecanizados, mas sim, do movimento cultural em que esse ser está inserido e do movimento historicamente criado por esse ser. "Introduzir os indivíduos no universo da cultura corporal ou de movimentos de forma crítica é tarefa da escola e especificamente da Educação Física" (BRACHT, 1999 b, p.78).

## 5 CONSIDERAÇÕES

Atualmente, com força cada vez maior, aprofundam-se na sociedade os ideais burgueses, e com eles, as idéias não-críticas a respeito de uma educação que seja capaz de mudar a sociedade. Se não há, hoje, nenhum autor lúcido que defenda a idéia de que a

Educação sozinha muda a sociedade, por outro lado diversos deles acreditam que as metodologias inovadoras possam salvar a Educação e, particularmente, a Educação Física.

As metodologias não-críticas em Educação Física são uma demonstração disto. Ajudam a pensar a área fora dos padrões tecnicistas que predominaram até o início da década de oitenta, mas surgem considerando a si próprias como salvação da Educação Física, e bem sabemos que não são somente as metodologias que salvarão a Educação Física e a Educação.

Em nenhum momento pensou-se em mudar a sociedade, em todas as fases da Educação Física o sistema capitalista, influenciado pelos interesses burgueses, tem beneficiado um número muito pequeno de pessoas. Em uma sociedade baseada no sistema capitalista, o que importa é o bem pessoal, e não o bem social, ou seja, em um sistema capitalista considera-se o individual, e não o coletivo.

A partir das décadas de 80 e 90 diversos autores tomaram consciência da necessidade de mudança na prática da Educação Física Escolar, só que mais uma vez se esqueceram de que para mudar a escola e a Educação Física é necessário pensar em uma mudança social.

Essa mudança acreditamos estar presente nos princípios do Materialismo Histórico e Dialético, que salienta ser necessárias mudanças sociais para que assim ocorram mudanças na escola. A Metodologia Crítico-Superadora de Coletivo de Autores defende que é preciso construir uma sociedade mais justa e mais igualitária, para que também a escola possa se transformar em um local justo e igualitário também. A Metodologia Crítico-Superadora defende que em uma sociedade de classes existem as disputas sociais, em que dominantes e dominados lutam por afirmar na sociedade os seus interesses.

Isso acontece porque em nossa sociedade existe o sistema capitalista, cujo interesse é gerar mais riquezas, ampliar o consumo e assim manter o regime de classe dominante. Através das lutas de classes, os trabalhadores tentam expressar sua vontade política de tomar decisões. Essas lutas têm o objetivo de transformar a sociedade, de modo que os trabalhadores possam desfrutar dos resultados do seu trabalho.

Para a Pedagogia Histórico-Crítica, a escola e, como consequência, a educação, são responsáveis por reproduzir a realidade social criada por determinadas classes. Nessa teoria o processo educacional é uma passagem das desigualdades para a igualdade. A prática da Pedagogia Histórico-Crítica ainda não é dominante, mas é algo que ainda buscamos atingir. A Pedagogia Histórico-Crítica é fundamentada no Materialismo Histórico-Dialético, que compreende a história a partir do desenvolvimento material, da de-

terminação das condições materiais da existência humana. Os conteúdos devem ser históricos, pois é através deles que nos situamos historicamente.

Dessa maneira, podemos concluir que não adianta a produção de concepções metodológicas em educação se não ocorrer uma mudança social, uma transformação de classes, de maneira que não mais existam dominantes e dominados e os interesses recaiam sobre todos de uma forma igualitária. Acreditamos que só com uma mudança social poderá acontecer uma mudança educacional, de forma que todos tenham as mesmas oportunidades educacionais.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Magda. **Como escrever teses e monografias**: um roteiro passo a passo. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e Ciência**: Cenas de um casamento (in) feliz. Ijuí: Unijuí, 1999a.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Revista CEDES**, v. 19, n. 48, p. 69 – 88, ago 1999b.
- BRACHT, Valter. Educação Física: a busca da autonomia pedagógica. **Revista da Educação Física da UEM**, Maringá: v. 1, n. 0, p. 28-32, 1989.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. v. 7.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. v. 1.
- BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- FARIA, Eliene Lopes. Conteúdos da Educação Física na escola: reflexões sobre educação física e cultura. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa: v. 12, n. 2, p.124-142, 2004.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista: A pedagogia crítico – social dos conteúdos e a educação física brasileira**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. São Paulo: Autores Associados, 2003.

GONÇALVES JÚNIOR, Luiz; RAMOS, Glauco Nunes Souto; COUTO, Yara Aparecida. A Motricidade Humana na escola: da abordagem comportamental à fenomenológica. **Revista Corpoconsciência**, Santo André: n. 12, p. 23-27, 2003.

HILDEBRANDT, Reiner. **Textos Pedagógicos sobre o ensino da Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2001.

KUNZ, Elenor. **Educação Física: Ensino e Mudanças**. Ijuí: Unijuí, 1991.

LOVISOLO, Hugo. Da educação física escolar: Intelecto, emoção e corpo. **Revista Motriz**, São Paulo: v.8, n. 3, set./dez. 2002, p.15-18.

MATA, Wilson Aparecido da. **Concepção Ampla de Educação**. Fundamentos da Educação II. Maringá: CESUMAR, 2003. (Apostila).

OLIVEIRA, Amauri A. Bássoli de. Metodologias emergentes no ensino da Educação Física. **Revista da Educação Física UEM**, Maringá: v. 1, n. 8, p. 21-27, 1997.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia: teorias da Educação, curvaturas da vara, onze teses sobre educação e política**. Campinas: Autores Associados, 2003a.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8ª ed. Campinas: Autores Associados, 2003b.

SÉRGIO, Manuel. **Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana**. São Paulo: Papyrus, 1989.

SILVEIRA, Guilherme Carvalho Franco da; PINTO, Joelcio Fernandes. Educação Física na perspectiva da cultura corporal: uma proposta pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Viçosa: v. 22, n. 3, p.137-150, 2001.